

JULIANO MOREIRA: NOTAS SOBRE SUA VIDA E SUA OBRA

William Azevedo Dunningham

Médico Psiquiatra. Professor Associado e Livre Docente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Membro do Instituto Baiano da História da Medicina e Ciências Afins

Natural de Salvador, capital do Estado da Bahia, nasceu JULIANO MOREIRA a 6 de janeiro de 1872. Foram seus pais: Manoel do Carmo Moreira Junior e D. Galdina Joaquina do Amaral. São escassos, em seus biógrafos, os dados relativos à sua infância,. Fez os cursos fundamental e médio no Colégio Pedro II e no Liceu. Extraordinariamente precoce, em 1886 se matriculava na Faculdade de Medicina da Bahia, e em 1891, concluía seu curso como aluno brilhante, defendia tese e obtinha o grau de doutor, com um trabalho intitulado “Sifilis maligna precoce”.

Já se descortinavam nos primórdios de sua carreira suas inclinações para a investigação científica. Conseguiu, mediante concurso, o posto de assistente de anatomia patológica e tornou-se médico-adjunto do Hospital Santa Isabel.

Em 1896, aos 24 anos de idade, foi aprovado no concurso para professor substituto da Seção de Doenças Nervosas da mesma Faculdade. A dissertação magistral se intitulava “Discinesias arsenicais”. As provas do referido concurso tiveram grande repercussão entre o corpo docente e o alunado da instituição, sobretudo entre os concluintes do curso médico, que o agraciaram com a condição de homenageado especial.

Na fase inicial da sua atividade científica e profissional, morando e trabalhando na Bahia, contemplou paralelamente dois campos da prática científica: a dermatologia e a neuropsiquiatria. Em suas investigações, a descrição clínica metódica e com elegância de estilo, se aliava ao rigor da comprovação anátomo-patológica.

Juliano que se revelara estudioso acurado da Sífilis. em sua dissertação inaugural, continuava cientificamente interessado pela sífilis maligna e pelo saturnismo. No laboratório, seus trabalhos se avolumavam, ao estudar a anatomia patológica do micetoma e do Goundum, em casos do serviço do Prof. Pacheco Mendes. Em 1990 publicava no Monatsheft Dermatologia, artigo sobre estudo clínico-patológico pioneiro sobre o ainhum. Sua formação médica, portanto, se assentava em bases sólidas. Sua afinidade com a mentalidade anátomo-clínica se evidenciaria sempre, mesmo quando desviado do laboratório de pesquisas, devido às suas obrigações administrativas. Igualmente, a disposição ao

trabalho e a motivação científica moveram-lhe na pesquisa das doenças do sistema nervoso. Completou sua formação neuropsiquiátrica freqüentando os serviços europeus dos Profs. Jolly, Hitzig, Flechsig, Kraft-Ebbing, assistiu aulas dos Profs. Raymond, Dejerine, Gilles de La Tourette, Brissaud, Garnier, Magnan, e, como visitante estrangeiro, conheceu clínicas psiquiátricas na Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália, França, Áustria e Suíça. Essas viagens dotaram-no de uma larga visão da Medicina e infundiram nele um grande entusiasmo pelos novos métodos e técnicas que a Psiquiatria começava a utilizar, em consonância com os progressos da Ciência, em rápida expansão no Velho Continente.

De retorno ao Brasil, começou a divulgar o que aprendera, mas principalmente se imbuíu da missão de pugnar pelas reformulações na assistência psiquiátrica, que julgava imprescindíveis. Nas sociedades médicas e nos periódicos profissionais, lutou pela instalação de laboratórios nos hospitais, introduziu a clinoterapia no tratamento das psicoses, divulgou-a técnica e deu conhecimento dos seus resultados. Como centros de excelência, descreveu as clínicas psiquiátricas de Leipzig, Halle, Würzburg e Munique. Foi Juliano quem primeiro praticou uma punção lombar em Salvador, contribuindo para o conhecimento da sorologia da sífilis, mas também da lepra. Assim, dividido entre a clínica dermatológica, incluída nela a sifilografia, e a das doenças nervosas e mentais, recebe um chamado do Governo Federal para uma tarefa árdua: dirigir o Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro.

Não foi fácil para Afrânio Peixoto, integrante da turma de formandos da Faculdade de Medicina da Bahia que homenageara Juliano anos antes, superar a discricção do médico baiano e convencê-lo a comparecer ao palácio para as medidas preliminares da nomeação. O Hospício Nacional atravessava uma fase de crise declarada. O espírito laico da administração republicana retirara do manicômio as laboriosas freiras Filhas de São Vicente de Paula, e não havia quadros profissionais habilitados para substituí-las. A seleção do corpo de enfermagem e dos seguranças não se pautava pelos critérios de eficiência e profissionalismo, baseando-se, sobretudo, na resistência física dos candidatos. Todos os

Conferência originalmente proferida em Sessão Plenária do Instituto Bahiano da História da Medicina e Ciências Afins, em 16.12.2005; reapresentada em 22/02/2008 na **JORNADA SOBRE A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NA BAHIA**, organizada pela Profa. Vitória Eugênia Ottoni Carvalho, Chefe do Departamento de Neurociências e Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) - UFBA, como parte das comemorações do bicentenário da FMB-UFBA. C-elo: wdunningham@gmail.com.

demais setores do estabelecimento apresentavam falhas semelhantes. A promiscuidade reinava nas celas, onde adultos e menores se misturavam, em superlotação. Era um enorme desafio a Juliano Moreira, cuja personalidade se ajustava mais ao exercício da clínica, às tarefas docentes e à investigação científica, do que à missão de comandar a implantação das necessárias mudanças das normas e práticas hospitalares. Empossado no cargo, Juliano Moreira se revelou o homem talhado para o exercício da direção. O gabinete do Diretor estava sempre de portas abertas e era fácil o acesso até ele. Juliano atendia a tantos quantos o procuravam. Sua comunicação era simples, clara e acolhedora. Ouvia mais do que falava revelando a aptidão vocacional característica do psiquiatra, o médico que fundamentalmente escuta.

Nos primeiros anos de sua administração, parecia onipresente! Lutou tenazmente para implantar novos métodos no tratamento e na assistência aos doentes mentais, ao lado do esforço em corrigir e resolver as impropriedades e precariedades existentes. Organizou os quadros técnicos do hospício, formou chefes de serviço e assistentes competentes. Estava sempre em meio a seus auxiliares diretos, aos internos, aos funcionários administrativos e aos que lhe vinham solicitar sua ajuda e seus conselhos para si ou para algum familiar, não raro em busca de uma internação. Foi neste exercício de diretor de manicômio que Juliano ensinou e deu formação a grande número de psiquiatras, estimulou e guiou jovens aspirantes e deu substância à então nascente Escola Psiquiátrica Brasileira.

Foi enorme a influência pessoal de Juliano Moreira! Na história da medicina brasileira, seu trabalho à frente da direção do Hospício Nacional, só pode ser comparada à liderança de Oswaldo Cruz no Instituto de Manguinhos. Ambos realizaram obras administrativas revolucionárias e ao mesmo tempo criaram escolas. Em torno de um como de outro, se reuniu a elite da juventude médica da época, de onde surgiram os continuadores das respectivas obras ou mesmo expoentes de outras áreas profissionais. O Hospital Psiquiátrico tornou-se um centro formador de professores. De lá saíram para Faculdade de Medicina Afrânio Peixoto, talentoso professor de Medicina Legal e de Higiene; Miguel Pereira, mestre da clínica médica; Antonio Austregésilo, criador da escola neurológica brasileira e autor de importante obra psiquiátrica; Leitão da Cunha, professor de anatomia patológica; Rocha Vaz, Bruno Lobo, Álvaro Ramos, pioneiro da cirurgia; Fernando Figueira, o sistematizador da Pediatria em nosso país; Gustavo Riedel; Mário Pinheiro; Ernani Lopes; Faustino Esposel; Ulysses Vianna; Brito Cunha; Sampaio Correia; Maurício Medeiros; Aduino Botelho; Heitor Carrilho; Fábio Sodré; Odilon Gallort; e Lopes Rodrigues, grandes expressões da geração de psiquiatras brasileiros que se seguiu à de Juliano se fizeram especialistas de renome sob sua direção e supervisão. Esse papel de mestre e chefe de uma Escola foi provavelmente, na vida de Juliano Moreira, o mais relevante. Uma Escola se forma sob condições ecológicas preparatórias

do terreno e do ambiente, mas sem o entusiasmo e o talento que emanam de um líder não se reúnem os elementos indispensáveis para sua edificação. Juliano Moreira levou da Bahia e de sua experiência européia uma formação médica e científica consistente, à qual suas características pessoais dariam o estímulo aos jovens médicos e aos estudantes que estagiavam no Hospício em fase de renovação.

As reformas do hospital se fizeram nas estruturas materiais e administrativas, graças ao estilo de seu propulsor, que opunha à rotina o movimento de unir a clínica ao laboratório, de completar a observação com os dados objetivos detectados pelas ciências auxiliares da medicina. A Psiquiatria brasileira se mantivera até então sob intensa influência da Escola Francesa, e copiava-se aqui a originalidade dos grandes clínicos daquele país, sem considerações críticas acerca da diversidade sócio-cultural ou ambiental. Inicialmente, procurou Juliano Moreira disseminar as idéias de Kraepelin. Com o auxílio de Afrânio Peixoto, difundiu a distinção que Kraepelin e seus seguidores estabeleceram entre a Paranóia verdadeira e as síndromes paranóides, enfatizando a raridade da primeira entre os doentes brasileiros. Divulgou e comentou a nova classificação das doenças mentais do mestre de Munique e colocou definitivamente em linhas kraepelinianas a psiquiatria do Hospício Nacional de Alienados. A dificuldade de acesso dos profissionais e estudantes aos textos originais fez um certo grupo opositor de Juliano dizer que era mais importante, então, saber alemão que psiquiatria. Suas inclinações culturais e epistemofílicas vinculavam-no, de fato, à Alemanha. Ao escolher sua cônjuge (Augusta Peicz), agiu sob a mesma inclinação e formou um par realmente feliz. Seu talento lingüístico o fizera manejar com perfeição vários idiomas: inglês, espanhol, francês, alemão, italiano e, por ocasião das suas numerosas viagens a Europa, aprendera também o dinamarquês, o sueco e o russo!

À medida que operava mudanças doutrinárias na Psiquiatria Brasileira, Juliano adotava medidas administrativas de grande envergadura. Mandou derrubar as grades das celas, aboliu os coletes e camisas de força, fez surgir, em seu lugar, as enfermarias de clinoterapia, as instalações de balneoterapia e um excelente laboratório.

A partir de 1906, as punções lombares passaram a ser praticadas com regularidade e os exames citológicos do líquido apoiaram e elucidaram diagnósticos. Ao serem divulgados os trabalhos de Wasseemann, estimula os estudos da sorologia da Lues, contando com a excelente contribuição do Artur Moses, no Instituto de Manguinhos.

Ao aceitar a direção da Assistência aos Alienados, exige e obtém do Governo da República a promulgação de um decreto presidencial, que reformou o Serviço das Doenças Mentais no então Distrito Federal e nos estados da federação, constituindo-se no primeiro texto legislativo federal que normatizou a assistência psiquiátrica no Brasil. Durante sua longa gestão, pleiteia e consegue outras melhorias para o Serviço. Em 1911, instala em excelentes condições uma colônia para mulheres no subúrbio carioca de Engenho de Dentro e,

na mesma ocasião, através de novo texto legal, estabelece medidas pioneiras na assistência aos doentes mentais. A livre admissão foi inequivocamente o maior desses avanços, retirando da família o exclusivo direito de hospitalizar os seus doentes mentais, primeiro passo na transformação do asilo de loucos num hospital de tratamento psiquiátrico. Instituiu uma diretoria de assistência, que acumulou com a diretoria geral sem acréscimo de remuneração. No Serviço Nacional, instaurou o sistema democrático da escolha dos diretores de unidades terapêuticas por indicação e eleição de seus pares. Com o crescimento da população da Capital e o progressivo congestionamento do hospício nacional, propôs e obteve do Governo da República a aquisição de um imenso terreno em Jacarepaguá, para ali estabelecer um hospital-colônia modelar, para o qual seriam transferidos os doentes do antigo estabelecimento da Ilha do Governador. Construiu-se ali a Colônia Juliano Moreira que se constituiu no principal Centro Psiquiátrico do Estado do Rio de Janeiro por muitos anos.

Para satisfazer antigas demandas da sociedade, criou em 1919 o primeiro Manicômio Judiciário do país, que seria inaugurado em dezembro de 1921, destinado aos doentes mentais que haviam cometido crimes, sendo a direção do novo estabelecimento confiada por Juliano Moreira a um dos seus discípulos de grande densidade teórica e técnica, Heitor Carrilho, que o tornaria instituição padrão e prolífica Escola de Psiquiatria Forense.

Juliano Moreira, psiquiatra, tinha suas reflexões também centradas nas questões médico-sociais. Em sua fase de exercício da clínica dermatológica, já se preocupava com os aspectos sociais da sífilis, manifestando-se a favor da imputabilidade dos sífilíticos conhecedores da condição infecto-contagiosa da sua doença, que se casavam em fase de evolução clínica, com alto risco de contágio do cônjuge e da prole. Reconhecia o primado da higiene mental! Se na fase inicial de sua atividade profissional tiveram prioridade as medidas de humanização e modernização do asilo (mudança das formas de tratamento, abolição da contenção física, retirada das grades, estabelecimento do sistema “open-door”, etc), com o avançar do tempo deixou delineados os próximos objetivos: a predominância do tratamento ambulatorial e a criação do serviço social psiquiátrico.

Embora tivesse assistido em Londres, no Congresso de 1913, a Adolf Mayer apresentar os planos de criação da Henry Phipps Psychiatric Clinics, não atentou para o significado que teria para a evolução da psiquiatria, a implantação de uma clínica universitária instalada num hospital geral.

Foram ainda suas inquietações sociais e patrióticas que o levaram a reclamar leis protetoras na imigração. Juliano defendia publicamente que o Brasil, país então despovoado, necessitava acolher grandes contingentes de colonos estrangeiros disponibilizando alguns poucos leitos do já congestionado hospício nacional para os imigrantes, que entendia serem novos braços para a agricultura brasileira. Além disso, tomou posição a favor da imigração japonesa, quando este tema esteve sob discussão pública.

Sua obra científica foi vasta! Abstraindo aqui sua produção teórica e empírica nas áreas da dermatologia e da sifilografia, concentrou-se em seguida no campo das doenças nervosas e, posteriormente, deu preferência, à área das doenças mentais. Foi sempre perspicaz, buscando incansavelmente a originalidade, a peculiaridade e o significativo, em suas pesquisas. Na fase de dedicação à psiquiatria, ocupou-se com interesse da paralisia geral. Suas contribuições, com a colaboração de Ulysses Vianna e Carlos Pennafiel, estão registradas no tratado de Kraepelin [8ª e 9ª edições] e nos volumes VIII e XI do Handbuch der Geisteskrankheiten, de Bumke. Publicou estudos históricos, divulgação de suas experiência de viagens, interpretação e aplicação das grandes diretrizes kraepelinianas à psiquiatria brasileira, comunicações sobre a situação da assistência aos doentes mentais e os resultados que obteve com as reformas que instaurou e, as mais importantes delas, suas investigações sobre as doenças mentais dos leprosos e sobre as manifestações psicopatológica nas doenças tropicais, ambas publicadas em prestigiosos periódicos científicos germânicos. Aliás, estudo das repercussões mentais das doenças infecciosas foi um dos temas de que mais se ocupou em seus estudos. Escreveu sobre o estado mental dos tuberculosos, sobre distúrbios psíquicos no curso da pandemia de gripe de 1918 e sobre “impaludismo na gênese de distúrbios nervosos mentais”. A possibilidade de descobertas originais no domínio das doenças ditas tropicais sempre direcionou a pesquisa do psiquiatra baiano, acrescentando-se a isso sua própria condição de tuberculoso. Nos anos 20, viajou ao Exterior para fins de tratamento, deixando a direção do Hospício a cargo do seu dileto amigo e colaborador, Afrânio Peixoto.

Desde moço, na Bahia, Juliano Moreira iniciou sua militância nas sociedades médicas. Transferido para o Rio de Janeiro, participou das atividades das associações existentes, entre elas a Academia Nacional de Medicina, da qual foi vice-presidente, e, ademais, criou em 1907 e presidiu enquanto viveu a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Suas atividades estão registradas no órgão de divulgação da entidade, os Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, ensejando a partir daí a pesquisa do médico baiano também no âmbito médico-legal.

Teve grande participação na atividade científica internacional e foi membro de numerosas sociedades estrangeiras. Tomou parte em numerosos Congressos, em Londres, Lisboa, Milão, Viena, Berna, Moscou, Budapeste, Berlim, sendo de muitos deles integrante do comitê organizador, figurando como palestrante nesses conclave. Num desses eventos, na Bélgica, ao apresentar estudo sobre as alterações mentais da doença de Chagas, deu notícia de trabalhos anátomo-patológicos e bioquímicos realizados nos laboratórios do Hospital Nacional de Psicopatas. Foi-lhe feita a proposta por Regis, professor de Bordeaux, de uma certa “psiquiatria colonial”, com base nas observações de médicos

franceses, que teriam identificado “doenças mentais dos povos colonizados” (sudanite, “caffard” e “colonialite”). Juliano teria então retrucado com propriedade: “Finalmente, se nas colônias tropicais existe alguma doença mental autônoma, que mereça as denominações referidas, vem isso demonstrar que o fato é mais inerente à condição de colônia dessas regiões do que a situação nos trópicos, visto que no Brasil nada temos de parecido. Faremos pois muito bem em nos vangloriar de termos conquistado nossa independência. Farão bem os países colonizadores em cuidar muito de melhorar as condições sociais dos nativos de suas colônias e dos agentes de sua colonização”. Com antecedência de décadas, Juliano afirmava uma verdade científica hoje amplamente ratificada. Não existe uma patologia mental tipicamente tropical. Condições sócio-culturais podem emprestar variedades patoplásticas aos quadros médico-psiquiátricos, mas, de modo algum, suas apresentações clínicas se devem aos fatores biológicos dos agentes patógenos tropicais, como se chegou a teorizar no início do século XX.

Juliano Moreira teve sempre um grande interesse pelos aspectos culturais da psiquiatria e pelo que se chamava então patologia comparada e agora se diz transcultural. Suas contribuições principais se fizeram nesse sentido, quer as iniciais, do domínio da dermatologia, quer as psiquiátricas, quando definitivamente deixou a perspectiva de uma cátedra na Bahia pelo livre ensino na direção do Hospital Nacional de Psicopatas, e onde se alçou de fato a posição de mestre da psiquiatria brasileira. O homem Juliano Moreira, sábio e bondoso (o escritor Humberto de Campos a ele se referia como o santo Juliano), foi das personalidades mais marcantes da sociedade brasileira, na sua época. Juliano Moreira, brasileiro de origem africana foi um verdadeiro líder de sua categoria profissional. Não foram apenas as grandes qualidades da sua inteligência que o caracterizaram, mas também a retidão do seu caráter e a sensibilidade de seu temperamento. Não teve filhos, mas dedicou-se aos seus discípulos e aos seus doentes; como se deles fosse pai.

A obra administrativa de Juliano Moreira se interrompeu pela ação discricionária dos novos governantes do país, logo em seguida a Revolução de 30, quando forçaram-no a se aposentar.

Seus sucessores, com a proclamação de que nada se poderia fazer de positivo num hospital em ruínas, foram os responsáveis diretos pela decisão do governo de fechar o asilo. Viveu seus últimos anos na serra fluminense, descendo ao Rio de Janeiro apenas quando já moribundo, vindo a falecer em maio de 1933.

Desaparecia um homem que dedicara toda a sua vida a seu país e aos seus semelhantes, aos doentes mentais, que deixara não só a lembrança da sua generosidade ou a admiração dos seus contemporâneos; mas que erguera uma obra que para sempre o projetaria como o maior nome da psiquiatria brasileira no primeiro terço do século XX. Seu nome ficará indelevelmente gravado como símbolo da psiquiatria brasileira e um dos representantes mais

significativos da medicina e da psiquiatria dos países de língua portuguesa e dos povos da América Latina.

Referências

1. AUSTREGÉSILO A. Juliano Moreira.. Brasil-Medico, maio, 1933.
2. BARRETO L. O cemitério dos vivos. São Paulo, Brasiliense, 1956.
3. CARVALHAL L. Loucura e sociedade: o pensamento de Juliano Moreira (1903-1930). Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de História (Monografia de Graduação), 1997.
4. CASTEL R. A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro, Graal, 1998.
5. COLARES JV. Retrato de Juliano”. Conferência pronunciada na Academia Nacional de Medicina por ocasião da Comemoração do Centenário de Nascimento de Juliano Moreira promovida pela APERJ, 1973.
6. COSTA JF. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro, Xenon, 1989.
7. ENGEL MG. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2001.
8. FOUCAULT M. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1980.
9. FREYRE G. Sociologia. Tomo I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
10. LOPES JL. Juliano Moreira. Jornal Brasileiro de Psiquiatria 13, 1964.
11. MOREIRA J, PEIXOTO A. Les maladies mentales dans les climats tropicaux”. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Ciencias Affins, anno II, n. 1., 1906.
12. ODA AMGR.. A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira”. Psychiatry On-line Brazil - part of The International Journal of Psychiatry, v. 6, n. 12. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/arquivo/wal1201.htm>, 2001.
13. PORTOCARRERO VM. Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da Psiquiatria. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2002.
14. ROXO H. Professor Juliano Moreira. Imprensa Medica, n. 142, 5 de maio de 1933.
15. RUSSO J. Dize-me com quem andas. A doutrina pansexualista de Freud e a psiquiatria brasileira no início do século. Trabalho apresentado no Seminário Temático Sexualidade e Subjetividade do XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1997 [mimeo.].
16. SHORTER E. A history of psychiatry. New York, John Wiley & Sons, 1997.
17. TEIXEIRA MO. Nascimento da Psiquiatria no Brasil. In: Venancio ATA, Leal EM, Delgado PGG (orgs.). O campo da atenção psicossocial. Rio de Janeiro, Te Corá/IFB, 1997.
18. VASCONCELOS MF. Mestre Juliano Moreira: o fundador da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro, IPUB/UFRJ (Dissertação de Mestrado), 1998.
19. VENANCIO ATA. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. História, Ciência e Saúde e Manguinhos, Rio de Janeiro, 10: 883-900, 2003.
20. _____. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. Physis - Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 14: 283-305, 2004.
21. _____. CARVALHAL L. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In: Vilela AMJ, Cerezzo AC, Conde H (org.), Clío-Psyché Ontem: Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, p. 151-160, 2001.
22. _____. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 36: 59-73, 2005.
23. VILELA AM, CEREZZO AC, CONDE H (org.). Clío-Psyché Ontem: Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001.